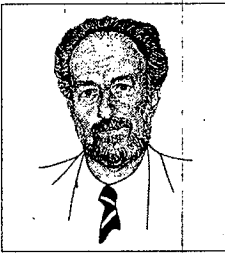


WASHINGTON NOVAES

As novas armadilhas

Saúde



Degradação ambiental faz surgir novos meios de contrair e disseminar doenças

quer momento. Por isso, também, se montou um sistema mundial de vigilância, que vai de leste a oeste e de norte a sul do planeta, enquanto se trabalha febrilmente para produzir uma vacina.

Mas o problema não se limita ao H5N1. O Centro de Prevenção e Controle de Doenças, em Atlanta, nos EUA – provavelmente o mais avançado centro de pesquisa des-

se tipo no mundo –, continua a identificar espécies fatais para o ser humano, entre elas o hantavírus, o *Campylobacter*, a *Legionella pneumophila* (que costuma alojar-se nos dutos de ar condicionado), a *Borrelia burgdorferi* (bactéria antes confinada a animais silvestres, que provoca, entre outras coisas, paralisia nos seres humanos). Sem falar no prion, que produz a doença da vaca louca.

“O mundo transformou-se numa supervia expressa virótica”, comenta um cientista norte-americano. “E todas as pessoas estão em risco.”

As mortes por doenças infecciosas, nos EUA, aumentaram 58% entre 1980 e 1992. Nos últimos 25 anos, surgiram 29 doenças “novas”, a maioria das quais mata rapidamente. Já são conhecidos 5 mil vírus e mais de 30 mil espécies de bactérias. Com a agravante de que, enquanto um ser humano leva 20 anos para produzir uma segunda geração, nesse mesmo espaço de tempo uma bactéria pode

reproduzir-se 500 mil vezes.

Segundo George J. Armelagos, professor de Antropologia na Emory University, na Geórgia (EUA), autor de dois livros sobre a evolução das doenças humanas, estamos vivendo o que chama de “terceira transição epidemiológica”. A primeira ocorreu há 10 mil anos, quando a espécie humana começou a deixar a vida nômade e a optar pela agricultura e pelo pastoreio. A disrupção no meio ambiente favoreceu novas doenças (até ali, conheciam-se as provocadas por parasitas, herpes, a malária). Surgiram o tifo, a esquistossomose, a tuberculose, o antraz (hoje peça central do “terrorismo biológico”), a doença do sono. Nas cidades que começaram a acumular pessoas, ratos e pagagaios, espalharam-se a peste bubônica, a raiva, o sarampo, a varíola.

Na segunda metade deste século, com as vacinas e os antibióticos, a guerra contra as doenças infecciosas parecia haver triunfado. Era a segunda transição epidemiológica.

Mas – sustenta Armelagos –, a partir da década de 70, veio a terceira transição, com a hepatite C, o Ebola e outras doenças, que têm sua disseminação favorecida pelo crescimento da população, pela urbanização acelerada, pelo aquecimento do planeta, pelo desaparecimento das florestas tropicais – em síntese, pela degradação ambiental. Surgem novos meios de contrair e disseminar doenças.

O aquecimento global, pensa ele, ajuda a espalhar a malária, a dengue e outras doenças transmitidas por insetos. Algas que proliferam nos mares – favorecidas pelos esgotos ali despejados

– facilitam a proliferação de vírus e bactérias e, ao mesmo tempo, trocas genéticas e mutações entre eles, gerando espécies mais resistentes. Os navios encarregam-se de espalhar pelo mundo esses patógenos, ao mesmo tempo em que 500 milhões de pessoas, cruzando em aviões as fronteiras de seus países, a cada ano, transportam com elas muitos desses vírus e bactérias. O intercâmbio internacional de frutas e alimentos completa a tarefa.

E assim vão surgindo novas doenças. E ressurgem moléstias venéreas mais resistentes, recrudescem a tuberculose, aparecem os enterococos resistentes a todos os antibióticos, um estafilococos mais poderoso.

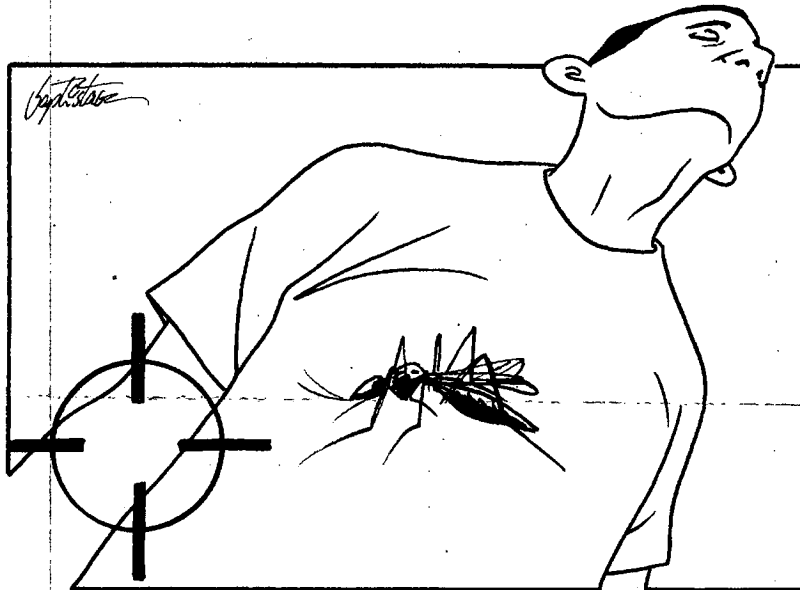
Na Inglaterra, cientistas alarmam-se com mais de 100 mil casos de envenenamento por alimentos em um ano – o que os leva a calcular o número real em mais de um 1 milhão, por causa da subnotificação. Foram mais de 50 mil infecções por *Campylobacter*, mais de 40 mil por salmonela (sete vezes mais que há 15 anos).

Não faltam razões, portanto, para temer a pandemia – ainda mais que o H5N1 detectado em Hong Kong tem suas semelhanças com o H1 da “gripe espanhola”.

Em 1918, só ficaram imunes à pandemia pequenas comunidades do Alasca que se refugiaram nas montanhas e colocaram guardas armados com ordens para atirar em qualquer forasteiro que se aproximasse. Como fazer isso em Tóquio, Londres, Nova York, Cidade do México, São Paulo ou Rio? Nem montanhas suficientes teríamos. E, se tivéssemos, seria preciso uma carnificina, matar milhões de pessoas.

Por mais um ângulo, nossos modos de viver estão em xeque. Devastando o meio ambiente natural, entrando em contato com espécies antes confinadas aos ambientes silvestres, favorecendo – pela mudança das condições climáticas – a proliferação de outras, promovendo gigantescas concentrações humanas que favorecem a disseminação de vírus e bactérias, por todos esses caminhos preparamos, para nós mesmos, novas e terríveis armadilhas fatais.

Não é por acaso que mais e mais pessoas dizem que teremos de mudar de vida.



Mal empossado no cargo, o ministro José Serra sai pelo País caçando o mosquito da dengue, que derruba mais e mais vítimas em vários Estados, sem poupar nem mesmo a família Sarney. No interior de São Paulo, morreu uma vítima do hantavírus (é o sétimo caso no País), uma nova espécie que assusta em muitos lugares fora do Brasil. Na Inglaterra, cientistas preocupam-se com a descoberta, em suínos, de mais uma espécie de vírus.

Diante desses e de outros fatos, a comunidade científica se pergunta se a gripe que em Hong Kong passou das galinhas para seres humanos e matou algumas pessoas pode ter sido o começo de uma pandemia, isto é, uma epidemia que se espalha pelo mundo, levada por vírus (o H5N1) para o qual os seres humanos não têm ainda defesa nem vacina.

Neste século, houve três pandemias:

■ Em 1918, a chamada “gripe espanhola” afetou um quarto da população mundial da época, que era de 1,8 bilhão de pessoas, e matou 21 milhões de pessoas;

■ em 1957, a “gripe asiática” atingiu 17% da população, que era de quase 3 bilhões, e matou 1 milhão, embora já se usassem vacinas;

■ poucos anos depois, a “gripe de Hong Kong”, nas mesmas condições, atingiu 8% da população e matou 700 mil.

Em 1918, levada pelos soldados transportados em trens, a “gripe espanhola” precisou de apenas quatro meses para se espalhar pelo mundo. Hoje, calculam os cientistas, disseminada a jato, não precisaria de mais de quatro dias para chegar a todos os países. Poderia atingir um quarto da humanidade e matar até 60 milhões de pessoas.

Por isso, causou tanta preocupação o surto mais recente de gripe em Hong Kong. Mesmo sacrificando alguns milhões de aves – depois da descoberta de que 10% das expostas em mercados eram portadoras do H5N1 –, os cientistas não têm dúvida de que o vírus ainda está circulando e pode ressurgir a qual-